



O IMAGINÁRIO ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA¹

IMAGINARY BETWEEN GEOGRAPHY AND LITERATURE

Valéria Cristina Pereira da Silva
Universidade Federal de Goiás (UFG)
vpcsilva@hotmail.com

Carlos Fonseca Clamote Carreto
Universidade Nova de Lisboa
ccarreto@fcsn.unl.pt

O escritor prepara a tempestade em longas páginas.
Uma meteorologia poética vai às fontes de onde nascerão
o movimento e o ruído.
G. Bachelard

RESUMO: Abordaremos a relevância dos estudos de Geografia e Literatura, apresentando a contribuição que a filosofia do imaginário de Gaston Bachelard pode trazer a esta perspectiva de uma leitura do espaço na literatura, com suas sensibilidades e profundidades e, do mesmo modo, como na literatura redescobre os muitos sentidos de espaço que ela carrega, como personagem, como paisagem e palco do drama humano e tantos outros. Gaston Bachelard sempre partiu da literatura como a fonte primordial do imaginário e é debruçando sobre imagens literárias, advindas direta da ação criativa do imaginário, que ele põe em relevo o espaço como constituinte do ser da imagem poética. A poética do espaço é portanto uma poética do ser em sua intimidade, em sua felicidade e em sua beleza.

Palavras-Chave: poesia, espaço, ontologia, Gaston Bachelard e topofilia.

ABSTRACT: We will approach the importance of Geography and Literature Studies, showing the contribute who the Gaston Bachelard imaginary philosophy can give to this perspective a understanding of the space in the literature, with her sensibilities and this depth. Same way, we can understand how the literature rediscovery many senses of the space in it, as personage, landscape and stage of human drama. Gaston Bachelard always starts from the literature as a primary source of imaginary address literary images, from directly the imaginary creative action, where it gives to space the importance as constitutive of poetic image self, her happiness and her beauty.

Keywords: poetry, space, ontology, Gaston Bachelard and topophilia.

¹ Este artigo é resultado das atividades de pós-doutoramento realizado na Universidade Nova de Lisboa- Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – NOVA FCSH - junto ao IELT - Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, com o desenvolvimento de pesquisa no tema Imaginário, Geografia e Literatura: uma ontologia do espaço.

INTRODUÇÃO

A geografia olha para o espaço e lá estão todas as coisas, inclusive os sinais do tempo, todos sentidos que conseguimos apreender e aqueles que ainda esperam para serem descobertos. A literatura olha fundamentalmente para os sentidos das coisas, a consciência das coisas. A união entre Geografia e Literatura, permite instaurar dentre várias possibilidades um espaço fenomenológico permeado de sensibilidades. Este artigo busca compreender a união entre Geografia e Literatura a partir da obra de Gaston Bachelard identificando a importância desta filosofia na construção epistemológica de uma geoliteratura, bem como a influência bachelardiana na geografia cultural a partir da obra de dois geógrafos: Tuan (2012) e Dardel (2015). Tuan (2012) apropria-se do conceito de *topofilia*, formulado por Bachelard (1993), e aprofunda a abordagem sobre as relações afetivas para com o espaço em forma de lugar e paisagem. A paisagem, neste sentido, é vista como o cenário da emoção, como palco e drama do sentimento. Dardel (2015), por sua vez, modeliza o espaço ao ritmo dos elementos fundamentais da matéria (água, terra, ar) presentes na obra bachelardiana e, assim, para este autor, o espaço é material e dividido em aéreo, telúrico, aquático, construído e a paisagem é um desdobramento simbólico: “[...] Ela não é verdadeiramente geográfica a não ser pelo fundo real e imaginário, que o espaço abre além do olhar” (2015, p.31). A fenomenologia bachelardiana, em seu estatuto ontológico, traz a imagem como um produto direto da imaginação intimamente vinculada ao espaço e coloca-nos a possibilidade de desenvolvimento da leitura de uma ontologia do espaço, através da imaginação como um fenômeno cultural com suas especificidades e singularidades simbólicas.

No seu processo de revalorização ontológica, a abordagem do imaginário passou a interessar também à geografia e na esteira da filosofia bachelardiana tendo como expoentes os autores da chamada geografia humanista. A Geografia Humanista proporcionou o encontro de questões relativas ao espaço simbólico e à imaginação geográfica que já estavam postas na geografia cultural com questões fenomenológicas bachelardianas para firmar as relações imaginárias que envolvem o homem e a terra. Ou seja, a fenomenologia bachelardiana vem compor e enriquecer o quadro da Geografia Cultural bem como nutrir epistemologicamente o quadro contemporâneo da relação entre geografia e literatura, sendo capaz de fornecer-lhe todo um arcabouço teórico-metodológico. Esse estudo pretende-se explorar essas dobras relacionais, quando tomamos a via do imaginário para compreender as tramas espaciais na literatura.

Bachelard tem, antes de tudo, uma filosofia que é transdisciplinar por excelência pela forma como a abordagem atravessa campos de saberes tão distintos como a poesia, as artes, a antropologia, a história, a geografia, a literatura, a educação e até mesmo a meteorologia, como a possibilidade da meteorologia poética descrita por Bachelard (1993) ou a geologia poética na fenomenologia da imaginação presente nas obras dedicadas à terra Bachelard (2008, 2003).

O espaço é o elemento de uma cara ontologia na abordagem do imaginário bachelardiano que tanto antecipa como apresenta questões de fundamental importância para os problemas inerentes aos estudos interdisciplinares entre Geografia e Literatura, bastante em voga na atualidade e que tem ampliando tanto os seus domínios como os campos de interesse. A abordagem do imaginário presente no pensamento filosófico de Gaston Bachelard tem como a base de sua reflexão, sobretudo, a literatura em profundidade como reveladoras da consciência e dos significados e buscaremos demonstrar que o espaço, enquanto espaço vivido assume um protagonismo no imaginário social.

A POÉTICA DO ESPAÇO VIVIDO

O espaço vivido é na obra de Bachelard o cerne de sua ontologia. Como ele mesmo afirma o lugar onde tudo se origina e adquire sentido e se solidariza a imagem e a lembrança. Este espaço fenomenológico está fundamentalmente ligado a atitude metodológica de superação entre sujeito e objeto, assim, os espaços felizes são os seus espaços conhecidos, reencontrados. Fazem parte da fantasia familiar e para além de “um museu dos objetos oníricos” (BACHELARD, 1989, p.40), um imaginário dos espaços sonhados. Na abordagem fenomenológica de Gaston Bachelard sobre a imaginação poética e a imagem isolada, ele concebe que a frase ou o verso formam *espaços de linguagem* que uma topoanálise deveria estudar. O *espaço fibrado* percorrido pelo simples impulso das palavras vividas. Aqui podemos estabelecer uma relação entre as palavras vividas e o espaço vivido. No estudo ontológico da imagem, a consciência poética é totalmente absorvida pela imagem que aparece na linguagem e que é o ser num lugar. A novidade, porém, da fenomenologia bachelardiana é que ela tem menos compromisso com a essência e a permanência, do que com a novidade e o dinamismo: a imagem nova é um novo ser, implica em rupturas de significação, sensação e sentimentalidade. “Não há poesia se não houver criação absoluta” (BACHELARD, 1993, p.158). Outro aspecto importante a ser destacado é que, em *A Poética do Espaço*, obra onde a

fenomenologia da imaginação revela-se com toda a força, a ontologia do espaço. Esta consiste numa obra de viragem, e parece-nos, para o próprio Bachelard está é sua obra mais importante e mais acabada. O depoimento afetivo de Lescure (1983) atesta-nos esse *Magnum opus*: “[...] quando L. preparava seu exame, ele chega e interroga Bachelard sobre que livro deveria ler: ‘Oh, disse ele para tranquilizar, leia então *A Poética do Espaço* e isso será o bastante.’ (LESCURE 1983, p.15, tradução nossa). Também Simão (2011, p.57) afirma que é nas suas duas poéticas – *A poética do Espaço* e *A Poética do Devaneio* - que ele leva ao limite a sua fenomenologia, esta é a obra em que Bachelard apresenta o seu próprio ponto de mutação.

Para Bachelard, na *Poética do Espaço*, era preciso esquecer o seu saber, romper com todos os hábitos de investigação filosófica, no eixo do racionalismo ativo, para estudar os problemas colocados pela imaginação poética. E quanto ao método ele declara que “só a fenomenologia – isto é a consideração do início da imagem numa consciência individual – pode ajudar-nos a reconstituir a subjetividade das imagens [...] o sentido da transubjetividade das imagens” (BACHELARD, 1993, p. 3). O espaço, portanto, está plasmado em todas as suas obras sobre o imaginário. A consciência do espaço em Bachelard é, portanto, o espaço vivido dos poetas e da poesia que ele elege, mas é também o espaço vivido de suas próprias lembranças.

Nesta mesma perspectiva, a fenomenologia da imaginação considera o fenômeno da imagem poética quando esta surge na consciência do ser, também como um produto da sensibilidade em sua atualidade e em seu espaço vivido, em suma em sua paisagem afetiva. Nossa contribuição incidirá sobre este ponto: pôr em relevo, neste dinamismo da imagem poética, sua espacialidade ontológica como potencialmente reveladora para os estudos transdisciplinares quando consideramos a quantidade de saberes envolvidos que tem como base tal pensamento filosófico. Mas que imagens são essas? São as mesmas imagens imaginárias, como imagens da imaginação tal qual as definem Bachelard (1993). A poesia e os mitos têm o seu contexto geográfico, cada literatura além de decorrer em um ponto específico da terra, guarda um lugar e uma paisagem. E não seriam assim com todas as narrativas simbólicas? Todas elas não tem o seu lugar, ou seja o seu espaço ontológico? Culturalmente, mesmo partilhando imagens coletivas, cada território dá cores e tons específicos as suas imagens e lendas fazendo com que suas tonalidades estejam em harmonia com o dinamismo organizador *das imagens novas*, propostas por Bachelard (1993) que em sua novidade e atividade, as imagens poéticas têm um dinamismo próprio: “a imagem poética não está sujeita a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inverso: com a explosão

de uma imagem, o passado longínquo ressoa de ecos...” (BACHELARD, 1993, p.2). E a imagem é um ser próprio. Ela, portanto, não pode ser sem o espaço que a forja, torna-se ela mesma uma faceta espacial consciente. A partir desta ontologia direta é que a fenomenologia bachelardiana coloca-se em diálogo com psicologia das profundidades, ou seja, a psicologia das imagens arquetípicas², em favor das imagens conscientes, das imagens fenomenológicas.

O espaço recebe em sua obra, sobre a imaginação, uma atenção irretocável e Bachelard (1993) fala na importância de atingir o esforço fenomenológico para compreender o espaço, a partir do cosmo que é a casa, como nosso canto do mundo e como espaço vital. “O geógrafo, o etnógrafo podem descrever os mais variados tipos de habitação. Sobre essa variedade, o fenomenólogo faz o esforço necessário para encontrar o germe da felicidade central, segura, imediata”. (BACHELARD, 1993, p. 24). Bachelard assim, trabalha na filosofia da poesia as imagens literárias do espaço e suas repercussões fenomenológicas, uma filosofia da arte, mas encontra também uma filosofia do espaço, um espaço ontológico que espera para ser melhor compreendido. Esta espacialidade ontológica liga-se ao dinamismo imaginário, pois os verdadeiros pontos de “partida da imagem, se os estudarmos fenomenologicamente, revelarão concretamente os valores do espaço habitado, o não eu que protege o eu”. (BACHELARD, 1993, p. 24).

O espaço, as imagens e o sensível são a nossa chave interpretativa, aquela que abre a investigação e nos guia pelos cômodos, traz a intimidade dos armários e gavetas, coloca-nos diante da verticalidade primordial do porão ao sótão e convida-nos também a sair da casa e atingir a imensidão do espaço, as forças sensitivas da paisagem, o ar e o vento, a água doce do riacho cantante. O trajeto coloca-nos na condição de habitantes no espaço poético da obra de Gaston Bachelard.

Os laços entre a vida e a obra de G. Bachelard são destacados por Dagogenet (1965), o filósofo que nasceu na Champanha, em Bar-sur-Aube em 1884, mas faleceu numa Paris cosmopolita e industrializada em 1962. O espaço vivido de Bachelard anima sua filosofia da imaginação:

Decerto que a interpretação realista segundo a qual a sua poética constituiria um retorno a este passado não merece sequer um exame; mas se o seu onirismo nunca é reminiscência, a Champanha familiar não se deixa, mesmo assim, de formar o seu horizonte [...] confidência emocionado: “ Não releio esta página - o que explica

² É paradoxal falar de inconsciente coletivo, quando se fala de fenomenologia - estudo dos fenômenos na consciência. Bachelard, porém, estabelece um dialogismo que considera os arquétipos junguianos, mas conduz sua abordagem a favor das imagens conscientes.

quem poderá fazer esta aproximação invencível – sem me lembrar do bom e solene médico, com um relógio de ouro, que se chegava à minha cabeceira de criança e tranquilizava com uma sábia palavra a minha mãe inquieta. Era uma manhã de inverno, na nossa casa pobre. O fogo brilhava na lareira. Davam-me xarope de tolu. Eu lambia a colher. Onde estão estes tempos do calor balsâmico e dos remédios de aromas quentes!” (DAGOGENET, 1965, p.10).

O espaço vivido condensa a experiência do ser. Costura o passado no presente, através das atividades de lembrança e da recordação. No espaço vivido o tempo está na presença e na inteireza do ser, em suas emoções guardadas e articuladas.

[...] Quando revivo dinamicamente a vereda que “subia penosamente” a colina, tenho plena certeza de que o próprio caminho tinha músculos e contramúsculos. Em meu quarto parisiense, é um bom exercício lembrar-se assim dele. Escrevendo esta página, sinto-me liberado do meu dever de passear: estou certo de ter saído de casa. (BACHELARD, 1993, p.30).

O devaneio do caminho³ aplica-se à imensidão do espaço, dá-nos a possibilidade de articular categorias e escalas, reviver o próprio ser entre o lugar e a paisagem. Pois para Bachelard (1993, p.31) o espaço convida à ação, e antes da ação a imaginação trabalha. Ela ceifa e lavra. O espaço, então, de modo ontológico, traz benefícios prestados a todas as ações imaginárias. Todos os espaços da intimidade designam-se por uma atração em que seu ser é bem-estar. Nessas condições, a topoanálise traz a marca da topofilia numa intensa dialética entre o interior e o exterior.

Os espaços conhecidos e amados são desenhos vividos que refletirão sem cessar na imaginação e na lembrança. Nesta citação, a familiarização do espaço, passa por antropomorfização do espaço, que ganha atributos de uma dimensão orgânica, pois o caminho ganha músculos e contra-músculos. O espaço vivido é familiar e repercutirá nas nossas lembranças e no trabalho do imaginário, assim, também o destino e a ação do caminhante é tornar de algum modo familiar o trajeto, fazendo da conquista do espaço, uma conquista poética e, antes de tudo, um ato narrativo.

³ “O devaneio do caminho” em Bachelard remete-nos à *Les Rêveries d'un Promeneur Solitaire (Devaneios de um passeador solitário)* de Jean-Jacques Rousseau. Trata-se da última obra de Rousseau e se compõe de dez passeios, sendo que o último ficou inacabado. Tal obra é um documento de alma e dos sentimentos provocados por estes passeios. Tudo o que atinge sua alma sensível é posto em revista nesses devaneios e nisto muito se assemelha com os devaneios bachelardianos. Nos passeios de Rousseau, a dor, a finitude, a felicidade, a paz, a contemplação estão presentes lado a lado. No segundo passeio Rousseau (1882 p. 16-17) fala de uma paisagem apreciada na cidade e seu prazer em percorrer os caminhos verdes e ainda com flores. Apesar de todas as dores expostas, o caminho, o passeio é ainda a possibilidade de reencontrar a natureza e o bem estar através da botânica. No quinto passeio, ele discorre sobre os campos, a borda da água, dos lagos, ressaltando a felicidade e o charme desses espaços.

E encontraríamos mil intermediários entre a realidade e os símbolos, se déssemos às coisas todos os movimentos que elas sugerem. George Sand, sonhando à beira de um caminho de areia amarela, vê a vida escoar. Escreve ela: “Que pode haver de mais belo que um caminho? É o símbolo e a imagem de vida ativa e variada”. Toda pessoa deveria então falar de suas estradas, de suas encruzilhadas, de seus bancos. Toda pessoa deveria fazer o cadastro de seus campos perdidos. Thoreau afirmava ter o mapa dos campos inscritos em sua alma. (BACHLEARD, 1993, p.30-31).

O encontro com o outro em sua terra, em seu lugar, aproximação, evocação e reconhecimento, mais do que simples descrição, são fontes da literatura em profundidade e permite encontrar imagens de outro século em outra terra e faz reviver em nós o imemorial e, tanto conhecer como reconhecer, do mais fundo do sonho os lugares que de algum modo pertencem à alma poética. A palavra de um poeta, para Bachelard, abala camadas profundas em nosso ser e nesta mesma linha poderíamos dizer que os espaços encontrados pelo poeta abala as camadas profundas de suas palavras, como um umbral do onirismo no qual nem o lugar nem o poeta são mais os mesmos: tornam-se um ser para o qual alguma coisa acrescentou-se. Um sino badalou e ecoou em nossa existência, tal qual, uma vela acesa! Os caminhos a serem percorridos é uma situação em que a paisagem está colocada, uma condição de onirismo abre-se. Essa amplitude alarga a poética do espaço, porque cada chão cartografado pela retina e apreciado, amado, tona-se um espaço íntimo. A viagem, assim, é convite ao devaneio, um convite a perscrutar a palavra do outro e a sentir o aroma de outros ventos, os sabores que se oferecem no lugar. Entre o céu e a terra, a imaginação imagina-se e conecta-se ao espaço e a paisagem é uma fonte imaginária, um horizonte mitográfico e, ela mesma, torna-se uma espacialidade na consciência articulada de imagens e na convergência entre a sensibilidade, a memória e a imaginação.

DA CASA À IMENSIDÃO DO SER: ESPAÇOS E ESCALAS DO INTERIOR E DO EXTERIOR

A espacialidade, que neste recorte buscaremos explorar, dá-se a partir do corpo de imagens bachelardianas, a dimensão imaginária e a dimensão memorial do espaço constituidora do ser que habita. A casa está no interior do ser, assim como, o ser está no interior da casa esse é o traço essencial do espaço íntimo. Portanto, trata-se de uma espacialidade portadora de sensações e de sentimentos de modos de ver e de guardar. Toda casa é uma casa tempo e, desse modo, toda casa é a casa da poesia a qual Bachelard (1993, p. 19) denominou de *espaço feliz*, ou ainda, *topofilia*, pois sem a casa o homem seria um ser disperso, assim as imagens da

casa exemplificam a ontologia bachelardiana, pois são ao mesmo tempo um devir de expressão e um devir do nosso ser. “É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. “Antes de ser jogado no mundo, como professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa”. (BACHLEARD, 1993, p.26). Nasce no lugar e ampliar-se-á suas escalas: o quarto, as dimensões da casa, a rua, o bairro, cidade, a região, o país e tantas outras mais.

Os valores do espaço interior a casa torna-se um ser, pois, não basta concebê-la como objeto! A fenomenologia bachelardiana, porém, a considera tanto em sua unidade como em sua complexidade. A casa é um fenômeno espacial íntimo e interno, com aberturas ao exterior, portas e janelas, plenas de imagens, de sensações de lembranças. Somos tanto as casas que habitamos como as casas que sonhamos. Neste trajeto Bachelard (1993, p.24)⁴, perscruta uma essência: encontrar a *concha inicial* em toda casa – desenha-se a pedras do caminho traçadas por Bachelard a partir de sua ordem de interesse: fenomenologia e ontologia do espaço, metafísica da imaginação, psicanálise e psicologia das obras amadas, dos espaços amados – tudo forja e eleva este ser, a casa, os livros, as paisagens. Ou dito de outro modo: as paisagens, as casas, os livros são o ser. Todos esses topos apreciados tornam-se dimensões do modo como somos e habitamos. “Habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num “canto do mundo [...] a casa é nosso canto do mundo, um verdadeiro cosmos” (BACHELARD, 1993, p, 24). O bem estar dessa casa feliz é portador de uma memória, gera um sentimento primordial, a casa abriga o sonhador e também o tempo, é por excelência o espaço vivido, mesmo quando se trata de uma casa nova. A casa-tempo também habita em nós, suas paredes, seus aposentos, seus castiçais, sua louça está plasmada em nossa alma, ao mesmo tempo que o espaço habitado traz a essência da noção de casa. “O ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos [...] Todos os abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos tem valores oníricos consoantes”(BACHELARD, 1993, p, 25). O enlace da lembrança com a imagem faz da casa um espaço necessariamente mobiliado, protegido, feliz, confortável. O espaço conserva tonalidades advindas da casa da infância, dos dias primaveris, das fixações de felicidade de modo que a topofilia não se estabeleceria sem a solidariedade da imaginação e a lembrança. Os tesouros e os pertences antigos que estão na

⁴ É fundamental no pensamento bachelardiano a herança retórica e a ligação fecunda entre a imagem, a memória e a emoção, para a qual, todas as artes retóricas enraízam suas imagens no espaço.

casa é em parte devaneio, em parte memória. A casa é parte da poesia do ser, da poesia do espaço. Na casa somos poetas e a partir dela tem-se o bem mais precioso - a casa abriga o devaneio e protege o sonhador - a casa permite e faz sonhar, é o lócus do devaneio. Para Bachelard (1993) a vida começa bem, porque começa protegida, fechada, abrigada no interior da casa por mais humilde que esta seja. Na sua metafísica completa, englobando o consciente e o inconsciente este espaço maternal reina no interior do ser e no ser do interior. Não ocorrerá o mesmo como os demais espaços vividos, desdobrados em suas escalas? Não estarão as matérias elementares dos sonhos trabalhadas por Bachelard, também vinculadas a uma paisagem, a um lugar? Uma região ou um país com suas singularidades, seu clima? Não somos nós todos esses lugares habitados e todos esses lugares habitados não estão em nós? Pode ser simples dizer que sim, mas que poder eles tem sobre os nossos sonhos? Sobre as nossas imagens novas? Qual é o poder do espaço na constituição da galeria de imagens. As imagens mais belas forjarão algum lugar?

A toponálise proposta por Bachelard consiste no estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima. A memória configura-se como o teatro temporal, no qual, o espaço, cenário das lembranças, mantém os personagens em seu papel:

É graças a casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas; e quando a casa se complica um pouco tem um porão e um sótão, cantos e corredores, nossas lembranças tem refúgios cada vez mais bem caracterizados. A eles regressamos durante toda vida em nossos devaneios. [...] Por vezes, acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços de estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo; que no próprio passado, quando sai em busca do tempo perdido, quer “suspender” o voo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. É essa a função do espaço. (BACHELARD, 1993, P.28).

Para Bachelard, o inconsciente permanece nos locais e as lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem especializadas. O conhecimento da intimidade, as especificidades do ser, a maneira de sentir dependem dessas localizações. Penso na casa dos poetas, onde cada objeto, cada gesto, cada cômodo guarda um ato pronto a florescer em forma de palavras. Penso em todas as casas de poetas que visitei com suas mobílias imaginárias, seus guardados, quadros e seus retratos. Penso na minha própria casa cujas escadas me levam a um portal para ver o horizonte ao longe, a cidade e o céu. Há um modo de ver as nuvens e escolher na

palheta do dicionário palavras possíveis de interpretar a sua cor em vários estados atmosféricos e penso que a solidão bachelardiana tem haver com isso, alguns modos de ver e sentir, de imaginar e lembrar. Nós com o os nossos sonhos constitui o sentido da solidão em Bachelard e o poeta aprende traduzir e a criar adesão, pois “todos os espaços da nossa solidão são indelévelis em nós [...] ficará para sempre o fato que se amou um sótão, de se viveu numa mansarda. A eles voltamos nos nossos sonhos noturnos. Esses são redutos com valor de concha”. (BACHELARD, 1993, p.29).

O inconsciente está bem alojado [...] está alojado no espaço de sua felicidade. [...] Seria necessário empreender uma topoanálise de todos os espaços que nos chamam para fora de nós mesmos. Ainda que centrássemos nossas pesquisas nos devaneios do repouso, cumpre não esquecer que há um devaneio do homem que anda, um devaneio do caminho. (BACHLEARD, 1993, p.30).

Na *topoanálise*, antes de mais nada, nosso inconsciente está abrigado, instalado. Neste estado a *topofilia* encontra a *topoanálise* e uma ampliação na escala do ser opera-se.

O SER, AS PALAVRAS E A PAISAGEM: O ESPAÇO VIVIDO ENTRE A LEMBRANÇA E O ESQUECIMENTO

A paisagem natal de G. Bachelard é uma paisagem de *Bar-sur-Aube*, da região da Champagne e de lá também emana a paisagem onírica, pois, a água doce, a terra e o céu, ou o fogo na lareira provém dessa origem e até mesmo os seus esquecimentos vinculam-se a essa dimensão do espaço vivido, está recoberto de sentidos espaciais.

A essência das substâncias sonhadas afloram numa paisagem que lhe é conhecida e amada. G. Durand (1996) num fabuloso texto sobre a neve explica o “esquecimento” dessa matéria por Bachelard: “Nos seus notáveis estudos sobre os devaneios inspirados pelas matérias elementares, Gaston Bachelard esqueceu a neve. Um esquecimento bastante desculpável para um natural de Champanha.” (DURAND, 1996, p.11). A matéria poética em Bachelard é sensual e afetiva. E ele não viveu a paisagem, branca e silenciosa da neve em sua terra natal, portanto, o seu “esquecimento” é o espaço que ele não viveu. Assim como, veio a conhecer o mar já adulto e maduro, o mar não faz parte do seu espaço vivido. Bachelard (1997) fala mal do mar e diz que o mar não é de fato uma paisagem simbólica em profundidade. Diegues (1998) porém, desconstrói essa afirmação de Bachelard, apresentando ao longo da sua interpretação o denso simbolismo da paisagem marinha presente em *A água e os Sonhos*. O

fato é que Bachelard habita as paisagens que sonha, como sonha as paisagens em que viveu. Nunca para ele o espaço é o espaço euclidiano, geométrico e quantificável, mas sim o espaço habitado pelo ser em sua multiplicidade, em sua percepção e em sua emoção.

Freitas (1991) aborda sobre os significados desse espaço subjetivo, afirmando que o espaço dos nossos sonhos e das nossas ficções é distinto do espaço geométrico. O avanço nas ciências físicas, contudo, trouxe-nos uma concepção de espaço muito mais qualitativa que quantificável: “os fenômenos, quaisquer que sejam, não se desenrolam no espaço, *desenrolam um espaço*. Não há objetos no espaço, há espaço nos objetos, os objetos não estão localizados, localizam, criam localizações”. (FREITAS, 1991, p. 251-252). Neste sentido, o espaço não é um vazio que se mobília de coisas e sujeitos, espaço é ser, porque não há ser sem o mundo. O espaço imaginário é também uma entidade cultural:

[...] a investigação do imaginário se torna de primordial importância em determinar de que modo o espaço se constitui como imagem, como tecido simbólico e mítico, como entidade cultural, na articulação das polarizações que o orienta. [...] o espaço é entendido pelo homem como projeção de si próprio que sobre si próprio age, espaço-vivo que acumula memórias e segrega sentidos, tecido palpante que a si mesmo se simboliza como enigma e como decifração. Espaço que deixa de ser noção abstracta, conceptual ou mera hipótese de trabalho para se manifestar indissociável dos seres e objectos que o manifestam: espaço-mundo, espaço-terra [...] (FREITAS, 1991, p. p.252)

O espaço concebido por Bachelard participa de um avanço qualitativo em sua concepção e traz consigo a sensibilidade poética, produtora de imagens. Se é subjetivo, faz-se escolhas, opta-se por muita coisa, inclusive por imagens felizes. Mas até que ponto, podemos escolher todas as qualidades do mundo em que vivemos? Esse ainda é um enigma da filosofia bachelardiana: a escolha do otimismo filosófico como a emoção dominante do imaginário. Contudo, essa postura que tem heranças do romantismo novalino e traços do pancalismo⁵, não a vemos como um modo de alienação, mas sim como uma intencionalidade da fenomenologia de G. Bachelard em gerar, a partir do imaginário um modo de intervenção no ser e no mundo. Mas a pergunta que fica é até que ponto a força dessa filosofia poderia criar uma consciência do real como modelo multiplicador da topofilia em detrimento do conjunto dos espaços topofóbicos? A espacialidade contém infinitos alvéolos de sentidos a partir do corpo de

⁵ Pancalismo é uma doutrina filosófica que busca uma moral elevada, o sublime em todas as coisas. Lescure (1983, p. 84) afirma que a gente não consegue o entusiasmo bachelardiano sem inscrever permanentemente os valores do belo em sua caminhada. Caso a beleza queira falar, ‘o pancalismo deve falar’, (tradução nossa).

imagens bachelardianas, a toponímia os faz vir a tona, a topofilia consiste em valorizar e reunir as qualidades do espaço.

ESPAÇOS IMAGINÁRIOS: PERCURSOS METODOLÓGICOS EM GEOGRAFIA E LITERATURA

A união entre Geografia e Literatura, permite instaurar dentre várias possibilidades a compreensão do espaço vivido, no sentido fenomenológico permeado pelas sensibilidades. A fenomenologia bachelardiana, em seu estatuto ontológico, traz a imagem como um produto direto da imaginação da mente consciente, intimamente vinculada ao espaço e coloca-nos a possibilidade de desenvolvimento da leitura ontológica deste, através da imaginação literária e poética como um fenômeno cultural com suas especificidades e singularidades simbólicas. Tal percurso de estudar as sensibilidades das obras de arte, na atualidade, como fenômenos conscientes e sintomas culturais depara-se com a questão inevitável de compreendermos a nossa própria época. A geografia foi vista, ao longo de sua modernidade, como a *ciência do presente*, ao passo que a literatura foi sempre o presente sensível de cada contemporaneidade, entrelaçada à consciência dos acontecimentos no espaço e suas significações. Mas como ocorrem os cruzamentos desses dois saberes? Por quê esse encontro? E o que iluminam?

As relações entre Geografia e Literatura são bastante antigas⁶ e de um saber da antiguidade para uma ciência moderna sistematizada temos a Geografia romântica de Humboldt e os tons literários da paisagem deste geógrafo, que foi sobretudo um viajante. Desse modo, podemos traçar a natureza da relação entre geografia e literatura, tanto na forma das descrições espaciais - na própria geografia e também na literatura - como na contemplação poética da paisagem e que tem, também na viagem imaginária, o espaço como um tema tanto literário como geográfico. Lévy (2006) traça uma síntese histórica a iluminar contemporaneamente essa relação a partir de suas fontes, sinalizando, por sua vez, que o primeiro geógrafo foi Homero, mas expõe numa perspectiva que traz até os nossos dias, marcando de maneira bastante completa a trajetória, os problemas, a evolução e o alcance, e os principais autores do cruzamento entre Geografia e Literatura, para o qual o ápice dessa trajetória encontra-se Eric Dardel geógrafo de inspiração bachelardiana que, após Alexandre von Humboldt, viria ser a nova onda *geoliterária* que viríamos conhecer. Lévy (2006) começa apresentando a força de

⁶ Se consideramos algumas afirmações clássicas, tais como as de De Martonne (1953), de que para os Alexandrinos o primeiro geógrafo foi Homero; a *Odisséia* contemplaria, assim, uma descrição geográfica que pode ser concebida com uma geografia regional plena de registros. De Martonne (1953), recupera essas raízes longínquas entre a Geografia e Literatura sinalizando essa relação que vai de Homero a Humboldt.

convicção e persuasão presente na literatura, tanto toca sensivelmente o interlocutor como repercute em várias iniciativas, permitindo a nós, concebermos projetos diversos de ordem filosófica ou cultural, bem ancorados na realidade material, social, simbólica ou sensível que pode corresponder, de partida, a uma geografia teórica desconectada da realidade social ou, ao contrário ir em busca de um público vasto e de uma demanda social importante. Dentre as questões levantadas por Lévy (2006) o papel da hidratação da linguagem literária no texto geográfico e o debate em favor dessa causa são elementos importantes quando se fala do cruzamento entre Geografia e Literatura. O segundo ponto que merece destaque é que a realidade geográfica, subordinada à realidade do romance, mesmo possuidor de um fundo social, tem que lidar com o fato de que a literatura de imaginação não se prende ao mundo tal como ele é, mas tal qual ele deveria ser ou poderia ser cujas características visionárias e utópicas imprimem na consciência dos leitores uma nova percepção de realidade. E o terceiro elemento que sublinhamos é que a literatura sobre a cidade se sobrepôs ao rural e o camponês. Na *démarche* dos saberes entrecruzados entre Geografia e Literatura sobressaem-se os nomes de Dardel, Yi-Fu Tuan, Marc Brosseau que vinculam-se as correntes mais atuais que respectivamente expõem a perspectiva de um vivido ligado aos lugares na literatura e no próprio espaço onde ela se origina, os lugares do sujeito no romance e as qualidades do espaço na literatura. Neste processo, escritores como Stendhal, Balzac, V. Hugo, Júlio Verne, Borges e tantos outros serão muito importantes ao trazerem expressões e contextos geográficos plenos de significação e sensibilidades.

Para estabelecer a relação entre paisagem e literatura é preciso abrir uma janela para o sensível, no qual se faz presente o cruzamento de diversos tipos de imagens que correspondem a traços de memória e do imaginário e compreender que é isso que, verdadeiramente, constitui o espaço vivido.

A CONTRIBUIÇÃO DE GASTON BACHELARD PARA UMA GEOLITERATURA

A obra de G. Bachelard traz em seu bojo a mescla de imagens espaciais novas e arquetípicas numa tessitura de sensibilidade que une imagens literárias à paisagem subjetiva repleta de significados, símbolos e conteúdos culturais múltiplos. Observamos que nela os elementos das matérias elementares (fogo, água, terra e ar) estão plasmados na paisagem literária. A casa natal e a casa onírica, são outras duas dimensões fenomenológicas do espaço trabalhadas por Bachelard que nos permite evocar as qualidades mnemônico-imaginárias, nas polaridades do

porão e do sótão, pois, a casa assim, como ar, como a água, a terra e o fogo “iluminam a síntese do imemorial com a lembrança. Nessa região longínqua memória e imaginação não se deixam dissociar. Ambas trabalham para o aprofundamento mútuo”. (BACHELARD, 1993, p.25). As imagens, porém, não são o que elas apresentam, as imagens são o que elas significam, elas são de um extremo a outro, atravessamento, percurso, jornada em direção ao absoluto com pausas no surpreendente, assim, as polarizações de verticalidade o alto e o baixo; a claridade e o obscuro, os recônditos do segredo são espaços e ao mesmo tempo “os poderes do inconsciente que fixam as mais distantes lembranças.” Bachelard está irremediavelmente ligado à paisagem, porque o seu universo simbólico circunscreve-se primeiro aos elementos fundamentais da matéria que plasma toda e qualquer paisagem, pois, toda paisagem sonhada é composta e, portanto, contém vários elementos. No ato poético guardamos nossas primazias, nossas joias de tons sublime, a impressão retiniana dos melhores dias. A poesia guarda o espaço de nossos horizontes oníricos e seus significados intactos, a casa é a nossa alma, nossa alma guarda a poesia, a paisagem de nossa alma é poética.

Bachelard (1989) afirma existir um parentesco entre a lamparina que vela e a alma que sonha. Tanto a vela como lamparina acendem-se de noite. Poderíamos buscar em Proust, Balzac, Baudelaire, Camões e tantos outros poetas, o tempo noturno do ato criativo – o devaneio como sonho acordado - quando as imagens se aprofundam e as lembranças se reúnem. O lampião e o castiçal, segundo Bachelard, (1989), são indispensáveis para uma residência dos velhos tempos a qual sempre voltamos para sonhar, para nos recordarmos.

Para Bachelard (1997) antes de ser um espetáculo consciente, toda paisagem é uma experiência onírica e só olhamos com paixão estética a paisagem que vimos antes em sonho. Desse modo, a unidade de uma paisagem é um sonho muitas vezes sonhado, não um é simples quadro de impressões, mas um espaço de sentimentos dinamicamente emotivo. A importância do espaço na literatura como ente estruturador da narrativa – paisagem e lugar vividos - e a importância da literatura para compreensão desse espaço vivido consistem em voltar-se para o sensível, a emoções. A literatura pode interferir num lugar, numa paisagem, por exemplo, como expõe Lima & Fernandes (2000) “a influência da literatura sobre a cidade de Paris, por exemplo, foi tão significativa que somente após Balzac começar a enterrar os mortos de seus romances no cemitério Père La Chaise é que a população de Paris passou a procurar o distante cemitério” (LIMA & FERNANDES, 2000, p.9-10). Também poderíamos apresentar inúmeros exemplos da forma inversa: a cidade influenciando a literatura e outras formas de ficção como cinema tal como ocorreu em Londres, Paris, Lisboa, São Paulo, Rio de

Janeiro etc. Em um duplo trânsito, a literatura tanto se apropria e cristaliza o imaginário social como é responsável por criar novas imagens, intensificado esse imaginário e seu simbolismo. Além de registrar a paisagem, o espaço vivido de um lugar, percebemos também que há questões bastante profundas, muito além das já circunscritas descrições e registros, há a mútua intervenção do imaginário para com o lugar e do lugar para com o imaginário. Numa dobra de invenção, a literatura que registra, descreve, guarda aspectos do tempo vivido é também capaz de modelar um espaço, imprimir-lhe uma estética ou até mesmo uma ética, segundo Silva (2015). De acordo com (SANSOT 2004, p. 612). “A evidência do êxito literário é a inspiração dos cidadãos. Para o desabrochar poético de qualquer livro, é incontestável a emergência de certos lugares” (Tradução Nossa). Sansot que também analisou a cidade a partir de uma abordagem bachelardiana a vê da maneira mais sensível e amorosa em imagens que revelam os próprios cidadãos. A cidade é, assim, por excelência, o lugar da vivência e da atividade literária que faz com que próprio o texto urbano transforme-se em páginas escritas. Contudo, tanto a literatura como a cidade são detentoras, neste caso, de uma paisagem intercambiável, ubíqua e plena de sentidos. O espaço, conforme estabelece Gomes (2008), contém várias histórias que atuam gerando e sendo geradas por textos, para a qual a cidade imaginária, escritural, pictural e literária é tecida também de fios mnemônicos e simbólicos que guardam, na própria legibilidade do texto citadino, o mapa e a paisagem.

Observamos que o cruzamento entre geografia e literatura avançam ainda em duas frentes, a primeira ocorre com a possibilidade de se elaborar uma cartografia literária que é também uma nova cartografia sensível, emocional como apresentam Rezacwicz e Tratnjek (2016), cruzando a arte e a cartografia elabora-se uma imagem que não é uma reprodução da realidade, como na cartografia convencional, mas uma visão do autor que guarda uma outra realidade. A segunda frente é o aprofundar da sensibilidade e da emoção nas reflexões, a partir da cidade afetiva, segundo Bochet e Racine (2002) no desdobramento sansotiano da análise urbana, em que a cidade é espaço sensível, não somente exterior, mas, fenomenologicamente, interior dos sujeitos que vivem no mundo. Abre-se a temática do amor ao lugar, as fronteiras invisíveis dos bairros, a *imagerie* da paisagem e um grande espectro de temas que tangeriam diretamente a cidade, a vida urbana e a percepção do espaço como importantes para estabelecer outra leitura, mais humana, do alargado mundo urbano. Desse modo, as imagens e as emoções, bem como, a fenomenologia ontológica do espaço vivido continuam válidas nos percursos estabelecidos entre a geografia e a literatura.

CONCLUSÃO

Observamos o quão atual é a retomada da fenomenologia bachelardiana para compreender os estudos que envolvem Geografia e Literatura. A importância de se continuar estudando o espaço vivido e suas implicações sensíveis, mnemônico-imaginárias. A imagem poética é geralmente detentora de espacialidade ontológica. A beleza de uma imagem poética põe em repercussão os sujeitos envolvidos e tanto move como revela o vivido. A espacialidade ontológica pode ser vislumbrada no universo de sentido da casa, como um teatro do imaginário que *A Poética do Espaço* põe em movimento influenciando autores diversos como Sansot, os geógrafos, Eric Dardel e Y-Fu Tuan entre outros que permitem avançar, nesta perspectiva bachelardiana, a via geoliterária e geopoética.

O ser que habita é exterior e interior numa espacialidade portadora de sensações e sentidos, lugar do devaneio como sonho acordado e consciência intencional. Os fenômenos não apenas se desenrolam no espaço, mas desenrolam um espaço e esta compreensão é bastante importante para a relação entre Geografia e Literatura, pois um livro é em si mesmo um território que contém diversos espaços. Espaços esses capazes diluir as fronteiras entre o real e o imaginário, pois o mundo transforma a literatura, assim como, a literatura modifica realidades e mundos vividos. Por fim, a topofilia como uma relação também ultrapassa essas fronteiras e instala um trânsito permanente, possibilitando reunir as qualidades do espaço nos territórios ubíquos promovidos pela literatura.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BACHELARD, Gaston. *La poétique de l'espace*. 9ª edição. Paris: Presses Universitaires de France, 1978.
- BACHELARD, Gaston. *Fragments d'une poétique d'une feu*. Paris: Presses Universitaires de France, 1988a.
- BACHELARD, Gaston. *A chama de uma vela*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. São Paulo: Difel, 1985.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988b.
- BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios da vontade*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios do repouso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1994.
- BERTRAND, Lèvy. *Géographie et littérature: une synthèse historique*. Genève: Le Globe, vol.

- 146, p.25-52. Disponível em: <http://achive-ouverte.unige.ch>. Acesso em: 11 de abril de 2019.
- BOCHET, Béatrice; RACINE, Jean-Bernard. Connaître e penser la ville: des formes aux affects e atux émotions, explorer ce qu'il nous reste à trouver manifeste pour une géographie sensible autant que rigoureuse. Géocarrefour. Lion : Amigos da revista Geografia de Lion, vol 77, n. 2, 2002, p.117-132. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/geoca_1627-4873_2002_num_77_2_1563. Acesso em: 11 de abril de 2019.
- DAGOGENET, François. Bachelard. Lisboa: Edições 70, 1965.
- DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DE MARTONNE, Emmanuel. *Panorama da Geografia*. Edições Cosmos, 1953.
- DIEGUES, Antônio Carlos. *Ilhas e mares: simbolismo e imaginário*. São Paulo: Huicitec, 1998.
- DURAND, G. *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- FREITAS, Lima de. Orientações para uma hermenêutica das direções do espaço. In: CENTENO, Yvette Kace e FREITAS, Lima de (org). *A simbólica do espaço - cidades, ilhas, jardins*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991, p. 251-265.
- GOMES, Cordeiro Renato. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- HOLZER, Werther. *Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século VI*. 1998. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo 1998.
- LESCURE, Jean. *Un été avec Bachelard*. Paris: Luneau-Ascot Éditeur, 1983.
- SANSOT, Pierre. *Poétique de la Ville*. Paris, Payot & Rivages, 2004.
- SIMÃO, Cristina Veiga. *As metamorfoses na filosofia de Gaston Bachelard: da razão, da imaginação, da realidade, do sujeito, da filosofia*. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2011.
- REKACWICZ, Philippe; TRATNJEK. Bénédicte. *Cartographier les émotions. Carnets de Géographes: géographie des émotions*. Paris: UMR 245-CESSMA, n. 9 septembre de 2016, p.1-22. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cdg/687>. Acesso em: 11 de abril de 2019.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. *Les Rêveries d'un Promeneur Solitaire*. Paris: Librairie de Bibliophiles, 1882.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eudel, 2012.

SOBRE A AUTORA E O AUTOR**Valéria Cristina Pereira da Silva**

Pós-doutora em Geografia e Literatura pela Universidade Nova de Lisboa (2019), doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista-UNESP-Presidente Prudente-SP (2008), mestre em Geografia -Universidade Estadual Paulista-UNESP-Presidente-SP -(2002) e graduada em Geografia pela mesma instituição (1999). Nesta instituição recebeu Diploma de Mérito Acadêmico (1999) e título de melhor tese (2008). É professora associada da Universidade Federal de Goiás-UFG, junto ao Instituto de Estudos Sócio-ambientais desde 2010. Atuou como professora colaboradora na Faculdade de Informação e Comunicação-UFG junto as disciplinas de Estudos da Imagem e História do Cinema (2016-2018). É membro do Programa de Pós-Graduação em Geografia do IESA, onde orienta trabalhos nas linhas de Geografia Arte/Literatura, Imagem e Imaginário da Cidade, memória, cultura e patrimônio. É autora do livro: *Palmas ? a última capital projetada do século XX: uma cidade em busca do tempo* (2010) pela editora Cultura Acadêmica; organizadora do livro *Representações Imaginárias da Natureza* (2013) pela editora Appris. É autora de literatura infanto-juvenil com o livro *Em asas de borboletas* e em *bolhas de sabão* (2013) publicado pela Editora Paulinas. Também é autora de capítulos de livros, artigos e trabalhos completos ligados aos seguintes temas: Imagem, Imaginário, Sensibilidades Urbanas e Culturais Contemporâneas, Temporalidades, Pós-modernidade, Estudos Semióticos da Paisagem, Geografia Literatura e Arte. É editora-chefe da Revista *Terceiro Incluído*. Fundadora e coordenadora do Grupo de Estudos de Imaginário, Paisagem e Transculturalidade GEIPaT ? registrado no CNPq e vinculado à Rede Internacional de Estudos do Imaginário Centre de Recherches Internationales sur l'Imaginaire- CRI2i

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5755146027054522>

Carlos Fonseca Clamote Carreto

Prof. Dr. da Universidade Nova de Lisboa, Coordenador Executivo do Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – NOVA FCSH e Membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre o Imaginário do IELT - Instituto de Estudos de Literatura e Tradição.

Recebido em outubro de 2019.

Aceito para publicação em dezembro de 2019.

Publicado em março de 2020.